

Suplemento Cultural

POESIAS

CALOR DO AMOR

Aquece-me o calor que a vida emana
Pela luz dos teus olhos só-ternura...
Teu calor faz-me a vida mais humana,
Em meu ser teu viver calor procura!

Tal energia térmica se ufana
Por ser forma de amor e de doçura...
Se me aqueço demais, teu ser me abana,
Se esfrias, ergo-te a temperatura!

Assim, em simbiose de calor,
Nossas crises são febre só de amor,
Pois é muito sublime o quente jogo:

Brasa, ponho-te em chamas sob mim,
Minha lenha coloco em teu capim
E ardemo-nos de amor no próprio fogo!

GERALDO RAMON PEREIRA

RETRATO III

Uma escola passou por minha vida,
e por vontade,
pedi carona.

Olhos
boca
mãos
corpo e alma
enfim,
toda,

por inteira,
virei giz, quadro-negro e apagador.
Virei lição
virei aula...

E desta viagem outonal,
de mil suores coalhados,
de mil troços e incertezas,
porém, de mil e uma venturas recolhidas,
desembarcar, como,
se uma vertigem gótica
me rola
me assola
e me impede de...

FLORA EGÍDIO THOMÉ

Amor pelo Crioulismo

HÉLIO SEREJO

Desde meninote fui assim: um enamorado, em grau muito elevado, das paisagísticas sertanejas, portanto, dos “mistérios” das coisas charruas. Fui – sem nenhuma dúvida – um trilhador de caminhos, um observador incansável, um perguntador de muito fôlego.

Sorvi, com muita sofreguidão, o selvático, o descampado, os cômodos, os brejais infundáveis, as croas, o vargedo de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solidária lagoa de água azulada, os trilheiros dos bichos-do-mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canchadas” onde aves diversas buscam o farnel apetitoso, as árvores desganhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarela, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da queda d’água no coração das brenhas, e o luar que branqueja a vastidão. Vivi, intensamente, esses momentos, formadores todos do crioulismo.

Vivi, sem queixumes, apoiado tão somente no amor desmedido pela sertania, pela selvaticidade, enfim, pela obra do Sublime Criador.

Por esse motivo tornei-me – dádiva de Deus – um escravo apaixonado do nativismo. Sempre agradeço, de mãos postas, ao Pai Celestial, pelo dom gratificante.

Quedo-me, invariavelmente, orgulhoso de possuir essa virtude... virtude de permanecer entontecido com os amanheceres e a magia do “sol se pondo”, no instante em que o poderoso astro se afora nas sombras da noite que se avizinha.

Vivi e, vivo ainda, esse momento de êxtase, com a profundidade contemplativa do eremita agradecido.

Graças dou ao Senhor, pelo dom que tanto me engrandece, transformando-me, diuturnamente, em um cristão feliz, sem resquícios de hesitação.

Sou o que sou, por obra d’Ele. Por sua infinita bondade. Por mais que avancem os anos, se fundem em minha alma os entreveros paisagísticos, num ferrete de recordação que adorna, fundamente, o sensível coração sertanejo.

O “passado”, em verdade, está “presente”, não morrerá nunca.

Viveri com ele, com certa angústia tocando-me o peito, com o que reviverei as lembranças e sentirei a emoção sacudindo as entranhas...

A Poesia de Rubenio Marcelo – *Flamas e Veleiros...*

RAQUEL NAVEIRA

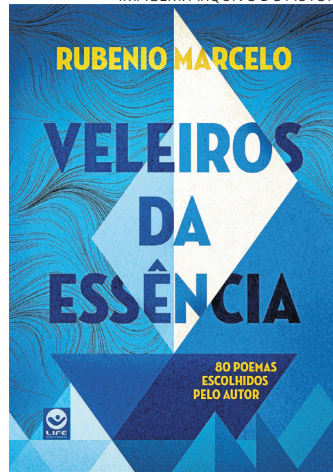
Veleiros singrando mares, carregando dentro de si a alma e a mente do poeta, sua transcendência, sua fixidez numa estrela. *Veleiros da Essência* é a imagem que Rubenio Marcelo escolheu para título do seu livro mais recente (que terá noite de autógrafos nesta próxima sexta-feira, na livraria Le Parolle): é a metáfora da viagem, do deslocamento, da ordem de comando que força a navegar, pois “navegar é preciso, viver não é preciso”. Esses veleiros vêm de horizontes nunca vistos/ e trazem à proa/ o mapa das messes inabituais/ num tempo infinito/ de invictas bandeiras...

Como bem afirmou Glorinha Sá Rosa: “Rubenio Marcelo neste seu livro faz da modernidade o signo indicador da sua criatividade, que se renova a cada linha”. E Paulo Nolasco também assegurou recentemente: “... Em matéria de legítima poesia a “essência” provém de vida e ressuscitamento da palavra poética, como bem faz Rubenio Marcelo na sua obra”.

Assim como Fernando Pessoa é “guardador de rebanhos” e Manoel de Barros, “guardador de águas”, Rubenio Marcelo é “desguardador de dores”, espantando os males com a “contemplação do segredo das auroras” e com “sabiás de voos dourados”. Dribla o cotidiano com “colibris do sonho”. Ele é também o “contemplador de silêncios”, aquele que encontra paz para sua dor na ausência do desejo, no autodomínio de poeta que, dessa forma, fascina o leitor.

O poeta é um ser perplexo com a realidade, mas busca apoiar-se na lógica, quando afirma que ‘a árvore má/ não frutifica/ nem sombra dá/ e não assombra a ação do bem’. O bem é

IMAGEM: ARQUIVO DO AUTOR



A apresentação da capa sugere a inovação poética do conteúdo do livro

em que joga na página com a palavra “cada-falso”; ou em “Entes e Mentos”, em que trabalha expressões como “plena mente” e “ara a mente”. Vai construindo sua *Poiesis*, sendo “floema-avatar” e semente. Prova que é necessário conhecer o idioma até mesmo para subvertê-lo, pois a linguagem é um mistério. Busca as raízes, os matizes, a língua de fogo “que lança palavras ardentes”.

“O poeta é um insubmisso e o mais são nuvens”, disse Drummond. A rebeldia irrompe no poema de Rubenio que trata da “Geração Antiflogística”. Uma geração (a nossa) marcada pelas mais diversas influências: bossa, blues, Beatles, rock and roll, Alighieri, Raulzito, Freud, Dante, Floyd e Tina. Somos, ao mesmo tempo, “jovens-velhos-moços”.

Rubenio Marcelo crê na poesia como documento da existência de determinado po-

coragem, atitude, gesto. O bem é criar uma poesia generosa que “dá bons frutos” e “boa sombra”. Uma poesia forte e solidária.

O r a Rubenio Marcelo é clássico, ora é experimentalista como no poema “Em falso”,

“

Rubenio Marcelo neste seu livro faz da modernidade o signo indicador da sua criatividade, que se renova a cada linha”

vo em certo lugar e período histórico. É fiel porta-voz da terra onde vive (e da qual é cidadão honorário): o nosso Mato Grosso do Sul. Faz um passeio pelas luzes de Campo Grande: reverência a *paisagem de beleza* da Av. Afonso Pena; anda pelo Belmar Fidalgo e pelo Parque das Nações Indígenas interagindo com a *Natureza*; vai para Corumbá singrar o Rio Paraguai entre *aves e camalotes*. Contextualiza seu cenário de vida e é absorvido por ele...

O poeta é mesmo mago, Prometeu, alguém que carregou o fogo. A Poesia de Rubenio Marcelo é lâmpada, é luzeiro, é quente... – assim como ele declara: *Não é fogo de palha é fogo imenso/ O fogo que azuleja a poesia*. É preciso caminhar levando a tocha, a chama, o *fogo perenal* da poesia. É mister permanecer enlevado, como numa visão apocalíptica: “...naquela manhã de final de estio/ me peguei mirando a flama convidativa/ das pontes inexploradas/ havia clarins sedentos de sonhos...”.

Miremos com o poeta Rubenio Marcelo a imortal flama da poesia e o desfaldar das esperadas velas brancas de seus *Veleiros da Essência*.

3 Casos de Arrependimento

EDUARDO MACHADO METELLO

Fazer aquela compra do pedaço de terra ao lado da fazenda Eldorado era muito bom para mim. Fiquei satisfeito ao fechar o negócio. No dia seguinte, fui com o Sylvio Amado à casa do vendedor, querendo logo providenciar a escritura da gleba, já que tudo fora feito de boca.

O homem nos recebeu na varanda, calmo, enrolando o seu cigarro de palha. Parecia não ter muita pressa em receber o dinheiro. – Calma, dr. Metello, pode ficar tranquilo, o nosso negócio está feito. É muito difícil eu roer a corda, voltar atrás. Deixar apenas eu pensar um pouco...

Ouvindo isso, o Sylvio, apavorado, me chamou a um canto e cochichou: – A coisa está de cara ruim. O homem vai se arrepender do negócio!

Mas não se arrependeu. Com habilidade, consegui firmar a transação e realizar a compra. Só passei pelo susto.

Isabel queria ir bonita ao casamento do irmão. A festa prometia ser um sucesso. A turma toda se

preparando, fazendo planos, comprando roupas. Até um cabeleireiro exclusivo fora contratado, com antecedência, só para o pessoal de casa.

A amiga Dulce propusera emprestar um vestido, que usara só uma vez, para Isabel ir à festa. Seria uma boa economia, pensou a moça. Aceitou.

Não conseguiu dormir naquela noite, no entanto. O fato de usar roupa emprestada estava atravessado na garganta. Não era compatível com seu temperamento voluntarioso e independente. O amor próprio ficaria ferido. Sonhara até que a amiga, na igreja, apontava o dedinho, dizendo para as outras: – O meu vestido não caiu bem na Isabel? Parece até que foi feito para ela.

Resolveu ir à luta. Mandar fazer a roupa que desejava, mesmo gastando as economias. Conceição, a costureira indicada por uma grã-fina, cobrou caro: setecentas pratas. E ainda exigiu 50% adiantados. Isabel preencheu o cheque com dó.

– Eu conheço uma costureira que faria bem mais barato – disse sua amiga Suera, que a acompanhava na ocasião. – Você não quer tentar?

Elá foram as duas ver se conseguiam um negócio melhor. A nova profissional, realmente, cobrou menos: faria o mesmo modelo por quinhentos reais. Sempre no capricho.

E agora? Como cancelar o tratado com a

Conceição? Isabel estava com vergonha de voltar atrás.

– Bobagem – disse Suera. – Deixe que eu vou lá e trago o seu cheque de volta. A mulher está lhe roubando.

Dito e feito. Enfrentando a cara feia que fez a Conceição, conseguiu desfazer o negócio. A seguir, voltaram à casa da segunda costureira para firmar a encomenda.

Mal entraram, a profissional foi dizendo; – Eu me enganei na conta. O vestido, com aplicações e tudo, vai ficar por mil reais!

Isabel levou um baque. Desanimada, quase em agonia, pensou: – Será que vou ter que usar o vestido emprestado da Dulce? Só falta agora ela se arrepender do oferecimento...

O negócio entre Jorge e Barreto estava fechado na base do fio de bigode. De repente, Jorge deu para trás. Não queria sustentar o que combinara. Barreto ainda procurou argumentar, chamar o outro aos brios, pressionar. Nada. O negócio estava perdido mesmo.

Finalizando o papo, Jorge estufou o peito, para dizer, como se tivesse razão: – Não adianta. Não sou folha de bananeira que vira conforme o vento. Eu sou um homem de palavra, de convicção. Quando eu me arrependo, arrependo mesmo! Não volto mais atrás.

O Grande Francisco de Aquino Corrêa

DEMOSTHENES MARTINS

Em meio das mais lisonjeiras expectativas assumiu D. Francisco de Aquino Corrêa o cargo de Presidente do Estado, em 22 de janeiro de 1918.

Portador de cintilante inteligência e aprimorada cultura, que se revelavam nos discursos de eloquência dominante, nas homilias de pastor e na produção literária e poética – obras essas que lhe propiciaram o ingresso na Academia Brasileira de Letras – a sua investidura no governo era penhor seguro do retorno do Estado à tranquilidade.

Restaurada a paz no Estado, pôde o notável antístite dedicar-se à tarefa administrativa que, na penúria das finanças estaduais e no reflexo em que estertorava o cataclismo mundial da

primeira grande guerra, reduzia-se quase às providências de manutenção de funcionamento rotineiro.

Quando o mundo se libertava da sangueira da guerra, com a vitória dos aliados contra a Alemanha e seus satélites, sobreveio a epidemia agnomizada de Gripe Espanhola – a que o Brasil pagou pesado tributo – eis que ceifou mais vidas que os combates e batalhas que findavam.

Foi sob essas limitações que se realizou o governo de D. Aquino. No seu ativo de administrador inscreve-se a instalação do serviço de iluminação elétrica da Capital, trabalho pioneiro beneficiador da população cuiabana.

Titular de nome consagrado nos cimos da cultura nacional, impulsionou a criação do Centro Mato-Grossense de Letras, em cujas arcadas se congregariam os representantes da intelectualidade estadual e se estimulariam vocações literárias.

A 8 de abril de 1919, transcorrendo o bicentenário da funda-

ção de Cuiabá, marco distante da civilização brasileira neste Oeste longínquo, mereceu esse evento, de parte de D. Aquino, patriótica, entusiástica e condigna comemoração. Inspirou esse desvanecedor acontecimento a inauguração do Instituto Histórico de Mato Grosso e de prédio para o funcionamento do Observatório Meteorológico e Sismográfico.

À sua presença no governo do estado, em época de tão diminutas e, mesmo, negativas possibilidades para a execução de um amplo programa de administração – que a sua capacidade realizaria vitoriosamente – creditasse, quase exclusivamente, a obra meritória, que conseguiu levar a efeito: a pacificação de sua conturbada terra natal. Graças a esse trabalho permitiu-se ao desvanecimento de transmitir o Estado, a seu sucessor, em ambiente de ordem e paz. O conagração da política partidária, tão exacerbada e violenta àquele tempo, foi um autêntico galardão desse bispo intelectual.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

LIVRO DE RUBENIO MARCELO EM NOITE DE AUTÓGRAFOS NA PRÓXIMA SEXTA – Na próxima sexta-feira 21/11, 19h30min, no espaço cultural da Livraria Le Parolle (Rua Euclides da Cunha, 1126 - Jd. dos Estados - Campo Grande), o poeta e acadêmico Rubenio Marcelo realizará descontraída **Noite de Autógrafos** do seu 10º. livro “*Veleiros da Essência*”, em evento que contará também com autógrafos do poeta douradense Marcos Coelho (este com livro autoral “Poesia em Cores”).

Veleiros da Essência contém 80 poemas escolhidos (principalmente inéditos) em versos livres da fase atual de Rubenio Marcelo. A obra possui apresentação de Raquel Naveira (da ASL) e prefácio de José Fernandes (da AGL) – além de comentários de ‘orelha’ do escritor Eduardo Mahon (presidente da Academia Mato-Grossense de Letras).

Poeta escritor, compositor e revisor, Rubenio Marcelo é membro e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, autor de dez livros e dois CDs. Detentor de premiações pela sua atuação literocultural, participou – como convidado – da *I Bienal Internacional de Poesia* (que aconteceu em Brasília, reunindo expressivos nomes da poesia nacional e do exterior).